

Estrada Bragança-Ajuruteua e a percepção dos trabalhadores do manguezal Paraense (1975 – 1991)

Alexandre de Brito Alves¹

RESUMO: Este artigo analisará como tiradores de caranguejo que residem na vila de Bacuriteua-PA percebem o aparecimento da estrada Bragança-Ajuruteua, que foi construída pelo interior do lugar no qual trabalhavam (manguezal). Tal domínio é importante para este estudo, posto que tais profissionais passaram utilizar a via como principal caminho para chegar em seus locais de trabalho, e justamente por isso é que se quer entender como eles leem o aparecimento PA 458. Usar-se-á como referencial teórico autores como Maneschy (2003), Thomson (1997), Portelli (1997) e Campos (2010), que discutem a relação memória, passado e natureza. As teses desses estudiosos são referências importantes para compreender o sentido do manguezal aos moradores de Bacuriteua.

PALAVRAS-CHAVE: Estrada, manguezal e coletores.

Introdução

Nesse artigo far-se-á uma análise acerca de como os trabalhadores do manguezal paraense (que este autor denomina coletores de caranguejo) interpretam o aparecimento de uma estrada de 36 km que interliga Bragança à praia de Ajuruteua. Esta perspectiva é importante pelo fato de a mesma ter sido construída pelo interior do manguezal, habitat do caranguejo-*Ucides cordatus*, crustáceo de grande valor econômico e em razão disto é intensamente capturado e comercializado por pessoas que residem na Região Bragantina. De acordo com Maneschy (2003) o comércio de extração deste crustáceo abastece não somente o Estado do Pará, como também outras regiões. Entre estas destacam-se as cidades do Nordeste Brasileiro, onde há uma demanda elevada pelo produto, principalmente em virtude do crescimento urbano, industrial e turístico. Em se tratando da Região Bragantina as vendas das produções ocorrem, em sua maioria, na feira livre da referida e outras localidades no Pará como, por exemplo, Belém, Paragominas, Capanema e Castanhal.

¹Graduado em História pela Universidade Federal do Pará-UFPA. alexandrehistoria2010@yahoo.com

No que se refere à estrada Bragança-Ajuruteua, segundo Alves (2014), esta começou a ser construída em 1975, mas seu término e fundação apenas ocorreu em 1984. A partir de então a via passou a funcionar. Em 1991, quando o Pará estava sob o governo de Jader Fontenele Barbalho, foram feitos reparos na última das sete pontes que fazem parte da referida e também o asfaltamento final, visto que até esse período era de piçarra. Alves (2014) elucida que as razões que levaram sua criação foi o desejo em desenvolver o turismo na Região do Salgado, expõe que na década de 1970 existiam interesses econômicos de elites políticas que administram Bragança em obter ganhos econômicos com o projeto. Na realidade havia o discurso de conduzir Bragança ao “progresso e desenvolvimento” socioeconômicos, entretanto, subjacente a esses ideários, estavam em jogo, por parte dos idealizadores da obra, interesses individuais em ganhar com a especulação imobiliária na praia. Ressalva-se que não é objetivo desse texto analisar as relações de força e poder em pauta no período em que se discutia na Câmara Municipal de Bragança a abertura da rodovia, mas sim tentar compreender como os coletores de caranguejo, que já trabalhavam no manguezal, a percebem.

Como fontes às conclusões adiante apresentadas usar-se-ão as reminiscências de dois trabalhadores, que, por suas longas experiências labutando em áreas de mangue, conhecem em demasia as transformações desse lugar, visto que as acompanharam ao longo de suas vidas. A memória nesse caso será crucial às hipóteses expostas, pois como orienta Thomson (1997, p. 57), esta “gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformações das experiências lembradas”. As explicações deste autor são relevantes para se entender a memória não como processo fixo, mas, ao contrário, em contínua mudança no tempo. Assim, as histórias lembradas não são descrições exatas do passado, mas trazem aspectos desse, que podem ser observados nas identidades e aspirações do narrador no momento em que lembra das coisas que viveu. Para Thomson (1997) as reminiscências são passados importantes para que as pessoas deem sentido às suas vidas, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes.

Entre os muitos conceitos que podem ser atribuídos à memória, cabe aqui destacá-la como sendo um processo compartilhado em conformidade com Clark (1997, p. 89), a qual afirma que tal expressão “implica a existência de um discurso em comum, de um conjunto comum de significados compartilhados que possibilitam as pessoas se entenderem”. Este esclarecimento é relevante às pretensões deste artigo que visa vislumbrar discursos em comuns de pessoas que vivem dos recursos do manguezal. Há ênfase na memória individual que esteja em acordo com os argumentos de Portelli (1997), que escreveu ser o ato de lembrar um fenômeno sempre individual

e não coletivo como expõe Halbwachs (2004). Mas, salienta-se, referenciando Portelli (1997), que a memória, mesmo sendo subjetiva, é influenciada pelo meio social e, portanto, *compartilhada*. Com efeito, as lembranças de pessoas diferentes podem ser semelhantes mas jamais exatamente iguais, como uma impressão digital (Idem, 1997).

O manguezal nesta análise não será apresentado como espaço distante dos anseios político-econômicos dos homens, ao contrário, como ligado a estes. Nesse sentido, como asseverou Campos (2010, p. 03), “o ecossistema costeiro representa não somente um domínio da natureza, mas também indispensável forma de subsistência econômica-familiar bem como escalas de poder”. Porquanto, tais linhas mostram a importância que tem este meio natural para a manutenção de pessoas que vivem na comunidade de Bacuriteua.

É considerável expor como ponto de reflexão que a PA 458, sobre muitas maneiras, acabou por interferir nas dinâmicas de trabalhos de sujeitos sociais que viviam da atividade de extração no manguezal, uma vez que este meio ambiente a todo o momento aparece nas reminiscências dos moradores de Bacuriteua como imprescindível, visto que o interpretam como principal fornecedor dos subsídios usados na manutenção econômica das famílias e custos com os materiais às suas residências. Para respostas a estas interrogações foi necessária a utilização do método do antropólogo já que se foi coletar dados na comunidade e, a partir dessa ação, foram feitos levantamentos pertinentes à temática (RADCLIFFE-BROWN, 1995).

Como aporte teórico importante para analisar as lembranças pessoais de cada entrevistado foram utilizadas as interpretações de Portelli (1996), quando argumenta que a subjetividade diz muito a despeito da vida do indivíduo, porque esta tem aproximação com a realidade social, na qual o narrador expõe, por meio da seleção dos fatos de seu passado, uma identidade constituída pelo coletivo. A subjetividade assim é um processo individual que sobre muitas maneiras se interliga com o grupo social, já a História, por seu turno, é o estudo dos grupos humanos, incumbindo ao historiador elaborar as questões relativas aos jogos de força e poder que pretende compreender dentro de uma certa perspectiva social, espacial e temporal. Assim sendo, recorreu-se à memória como fonte para as respostas aos questionamentos deste historiador.

A percepção dos trabalhadores do manguezal sobre a PA 458

Entende-se que o manguezal representa para muitos sujeitos sociais um lugar essencial à sobrevivência, pois é por meio dos produtos adquiridos em seu interior que se pode comprar os

recursos básicos como a “farinha”, o “peixe”, a “carne”, o “feijão”, o “arroz” e outras coisas mais. Com efeito, pelo fato de conter uma série de espécies de importância econômica como peixes, crustáceos e moluscos (que podem ser comercializadas) é que este ambiente, continuamente, é frequentado por pessoas que habitam na Zona Bragantina (SANTOS, 1996).

No caso de Bacuriteua esta necessidade é perceptível já que eles (coletores) cotidianamente saem de suas residências ao manguezal a fim de capturar espécies para vendê-las. Estes deslocamentos são feitos em grupo (geralmente de pessoas do sexo masculino) que entram no “mangal” intencionando encontrar crustáceos para venderem e com o dinheiro obtido nas trocas compram seus utensílios básicos de sobrevivência. Atualmente a ida às áreas de mangue é em ônibus que circulam a PA 458 em direção a Ajuruteua. Há também aqueles que preferem ir em canoas ou barcos pelo rio Caeté. Os trabalhadores, para chegar nos locais de captura, primeiramente devem descer em quaisquer das pontes que cruzam a estrada e por meios dos canais aí presentes chegam aos lugares de trabalho e, a partir de então, inicia a busca da produção.

Atualmente há considerável número de textos sobre a estrada Bragança-Ajuruteua e entre seus autores a maioria são pesquisadores de outras áreas como Biologia, Geografia, Pedagogia e Geologia, por exemplo. As análises destes estudiosos, na maioria das vezes, apontam a via como um evento histórico deletério ao ecossistema costeiro em razão desta ter sido projetada pelo interior do mesmo, o que eventualmente engendrou a morte de uma série espécies da flora e da fauna. De acordo com Costa (2012, p. 03) a estrada “ocasionou a obstrução de canais de maré, principalmente no km 17, gerando grande desequilíbrio no fluxo híbrido e conseqüentemente afetando a vegetação e a fauna característica de boa parte dos manguezais por onde a rodovia foi construída”. Com a construção da via apenas seis furos da malha híbrida da península foram preservados (Taici, Ostra, Chato, Café, Grande e Estiva), sendo os sistema híbridos formados por pequenos canais de maré interrompidos pelo aterramento. (FERNANDES; CUNHA; SEDOVIM; GOMES; SANTANA; SAMPAIO; ANDRADE; OLIVEIRA; BRABO; JUNIOR, ELIAS, 2005). A estrada como um malefício se especifica em função das perspectivas destes estudiosos, que geralmente, em suas pesquisas, visam entender o impacto ambiental imposto pelo homem aos arcabouços físico-químicos da natureza. Com base nisto, se se observar o processo histórico desse ângulo; prontamente, percebe-se que a referida afetou totalmente a paisagem da localidade, destruído extensivamente a composição física do manguezal.

Nessa direção, as observações científicas destacam os malefícios que a estrada trouxe à natureza comprovado através de observações e análises quantitativas das ciências naturais. Não obstante, quando se passa a pormenorizar as narrativas dos muitos sujeitos sociais que historicamente labutam no “mangal” nota-se que, ao contrário, estes não entendem a PA como um fator prejudicial às suas práticas econômicas, mas sim como um benefício. Nesse aspecto, ao rememorarem o papel da malha rodoviária às suas relações de trabalho os mesmos geralmente apontam-na como um processo positivo e que veio para beneficiar suas vidas.

Uma das personagens essenciais às reflexões deste estudo foi o senhor André Tavares da Gama de 57 anos, sujeito alegre e muito comunicativo que reside com sua família em Bacuriteua. Ele foi o entrevistado que mais corroborou às pretensões dessa pesquisa, durante as horas em que se esteve em sua residência, relembrou muitos momentos da sua longa trajetória de 33 anos como trabalhador do manguezal. Dono de uma memória privilegiada, contou que seu início no “mangal” ocorreu quando tinha 14 anos, antes disso chegou a labutar na lavoura e na pesca. Mas, devido às enfermidades e envelhecimento de seus pais: seu Juvêncio e dona Margarida, teve que ir para o manguezal em busca de sustento para não deixá-los “morrer de fome”. A partir desse momento começa a rotina desse homem enquanto coletor. Em 1972 casou-se com dona Maria Ironilde Ramos da Gama e tiveram oito filhos. Seu André não titubeou em dizer que todos foram criados com muito esforço e trabalho honesto. A maioria dos filhos do sexo masculino seguiu a “profissão do pai”: a de coletor de caranguejo.

A atividade de seu André apenas foi interrompida em 1990, quando, ao tentar consertar o teto da Igreja Católica de Bacuriteua, caiu da altura de 10 metros, machucando-se gravemente, fato que o deixou impossibilitado de trabalhar “no pesado”, recorrendo à aposentadoria.

Entre as perguntas feitas ao contador de histórias, uma foi trivial, como ele interpretava a construção da estrada Bragança-Ajuruteua numa época que estava em plena atividade? Deslocava-se diariamente ao mesmo manguezal que o projeto afetou, por isso, pensou-se que ele certamente presenciou todo o desenrolar da conjuntura. Será que a mesma teria prejudicado seu local de trabalho? Supreendentemente afirmou que:

“(…) Acho assim que foi melhor né porque depois que construíram ela, ela começou a funcionar; os carros já ficaram levando a gente, pra poder a gente tirar a produção melhor porque aí ficava mais perto. Ela facilitou, facilitou, a construção da estrada facilitou nosso trabalho. Facilitou nós ir pra lá e trabalhar, já de tarde a gente, a gente vai de manhã quando era de tarde a gente já vinha aí de qualquer maneira melhor pra gente comprar o alimento pros filhos aí toda tarde a gente já tava aqui (...)”².

² Entrevista com André Tavares da Gama, Bacuriteua, em 12 de maio de 2010.

O senhor André, interpretou o aparecimento da via como domínio positivo. Ao longo da entrevista relembrou com muita veemência as dificuldades que passou no manguezal antes da rodovia, interligando os dois períodos, afirmando que a partir da década de 1970 as coisas “ficaram melhor”:

“(...) Antes da construção da estrada a gente ia assim de canoa, porque quando não tinha essa estrada a gente ia assim de canoa. Chegava lá embaixo a gente passava três, quatro dias trabalhando lá, pra poder vim, pra poder vender lá Bragança (...), com estrada ficou mais fácil pra gente, mais fácil, porque a gente já vai lá pra dentro, quando é de tarde tá esperando a família, quer dizer, a família pode não ter o almoço, mais o jantar tem, aí facilitou né pra gente (...)”³.

Entre as melhorias relatadas pelo colaborador destaca-se a diminuição no tempo de serviço, antes passava dois, três, chegando até quatro dias no interior do manguezal. Desse modo, o longo tempo nos interstícios da natureza deixava a família sem a presença do pai que nessas horas pensava em demasia nas condições que se encontravam os filhos pequenos, se estavam ou não passando fome. A casa ficava sobre a guarda de dona Maria Ironilde Ramos da Gama (Esposa) que comprava o alimento e cuidava das despesas na ausência do marido. Prezado leitor, afirma-se que o tempo em destaque é o do senso comum e não o mecânico da física ou cronológico da história, talvez próximo do tempo da filosofia que, para Reis (1994 apud Sevalho et al., 1997, p. 14), “é subjetivo, interior, forjado a partir das mudanças vividas da consciência, da sua incomensurabilidade, e por isso qualitativo e preferencialmente irreversível”.

O “encurtamento do tempo” labutando certamente foi um processo decorrente do aparecimento da PA 458, tal diminuição pode ser entendida a partir das horas necessárias ao deslocamento e isso constava desde a saída de casa até a chegada no “mangal”. Assim pois, a partir da década de 1970, passou a ocorrer mudanças nas rotinas do senhor André e seus companheiros.

“(...) Quando não tinha essa estrada nós saíamos daqui 5 horas da manhã, nós saímos cedo, porque se torna longe né, pra nós. Hoje em dia não, se torna perto, por causa do carro. O transporte que vai deixar lá na beira do mangue. Naquele tempo não, nós não tinha carro, só falta ter o avião pra nós ir. O carro já tem, a bicicleta, a moto (...)”⁴.

Nesta direção, as falas do trabalhador ligam o processo de melhorias ao aparecimento de novos meios de transportes, em especial os carros que passaram a circular, conduzindo-o rotineiramente. Eis estão o sentido da melhoria para o senhor André: a “diminuição do tempo” de serviço, isso conseqüentemente requer menos horas enfrentando as intempéries do

³ Entrevista com André Tavares da Gama.

⁴ Ibid.

ecossistema como: chuvas, frios, fome, sede, ferradas de insetos, enfim, os perigos inerentes do lugar.

Quanto ao sentido econômico do manguezal, nota-se que este ambiente, por reter uma enorme variedade de espécies que podem ser utilizadas como valor de trocas, é continuamente frequentado por pessoas que vivem em lugarejos localizados em seu entorno, como é o caso de Bacuriteua, onde estas ações são recorrentes posto que diariamente pessoas saem de suas residências e deslocam-se a tal ponto.

Com base nisto, faz-se necessário analisar o sentido econômico que esse ambiente tem para muitas pessoas que o veem como um espaço importante para suas lógicas de sobrevivência. Assim é essencial compreender de que forma organizavam-se os trabalhadores no manguezal antes da fundação da PA 458, ou seja, como dinamizavam relações socioculturais dentro e fora do sistema costeiro quando ainda não haviam os numerosos e velozes transportes modernos como carros, por exemplo, que passaram a ser providenciais no transcurso e nas atuais estratégias de trabalho.

Neste sentido, afirma-se que com o advento da rodovia passaram a serem rompidas gradativamente as antigas táticas de coletas coletivas de caranguejo e, conseqüentemente, as formas dos trabalhadores lidarem com o meio natural, isso ocorre, segundo a visão de Silva (2011), porque a natureza não é um dado externo e imóvel, mas um produto de uma prolongada atividade humana o que lhe denomina representatividades diversas, ao passo que qualquer vicissitude no ambiente tende a moldar os comportamentos dos homens. Enfim, não se pode distinguir paisagem física de paisagem cultural, considerando ambas indissociáveis, posto que, “a natureza não está dissociada da história da humanidade nem tampouco das manifestações culturais que as cerca, assim, entender-se por cultura, grosso modo, a intervenção humana no que é natural” (GONÇALVEZ, 2008, p. 171).

A partir destas perspectivas é possível defender que a abertura da rodovia visando conduzir visitantes a Ajuruteua acabou por interferir nas antigas práticas culturais no âmbito das habituais maneiras de labutar. Tal fator é significativo já que o homem convive diretamente com a geografia natural, sendo um perene transformador da lógica de funcionamento de seus sistemas. Nesta direção, o aterramento de grande parte do manguezal engendrou novas dinâmicas socioeconômicas nas rotinas dos experientes coletores de caranguejo.

O interessante neste caso é que os trabalhadores entrevistados são consoantes ao defenderem que a estrada tem grande relevância às suas atuais estratégias de sobrevivências, uma

vez que a mesma propiciou maior fluxo nas relações econômicas, sobretudo em razão das facilidades de transportes que foram consumados por meio de seu aparecimento. Esse ponto de vista é defendido pelo coletor Reinaldo Cunha⁵ de 36 anos, morador de Bacuriteua, que, ao ser perguntado acerca de como a estrada Bragança-Ajuruteua afetou sua vida, respondeu:

“(...) Com a estrada ficou boa né, porque antigamente a gente ia, quando não fosse andando, era de canoa, hoje dia não, se saí daqui, pega o ônibus ali na beiranda, vai, já deixa lá perto aonde a gente vai ficar pra tirar, aí dessa forma ficou bom, mais antigamente sem a estrada não era boa não, porque a gente daqui pegava uma canoa e ia remando até, é, é, é, bota distância nisso, as vezes passava um dia, dois dia, pra chega no local. Quando vinha era a mesma dificuldade, dinovo, aí chegava aqui, aí ia pra Bragança. Era assim, agora não, hoje em dia tá muito bom (...). Pra mim, no meu ponto de vista: ficou boa, até mesmo pros turistas, que a praia era escondida ficou mais fácil para eles irem e pra gente também, pra ir pro caranguejo. No meu ponto de vista que trabalha a muitos anos assim achei boa, agora assim com se tá falando aí, a construção acabou assim por causa que por onde passou a estrada existia caranguejo né, aonde pegou os aterros ali que a água ficou presa matou o mangue, aí têm muitas áreas já viraram seco, aí o caranguejo cada vez ficou mais longe e agora que é muita gente, tá ficando né, mais difícil (...)”⁶.

Nota-se nas reminiscências do trabalhador que a obra teria lhe proporcionado maiores facilidades de deslocamento, haja vista que antes desta aparecer os coletores de caranguejo seguiam por outro trajeto, demoravam mais tempo para chegar ao local de trabalho. O senhor Reinaldo, assim como seu André, também criou seus filhos (dois) com a comercialização do crustáceo retirado do manguezal. Reinaldo ainda exerce a função de coletor semanalmente, salvo as segundas-feiras, aos domingos e feriados, quando fica de folga. Apesar de ter somente 36 anos (na época da entrevista, 2011), ele viveu o antes e o depois da estrada, o que demonstra a pouca idade em que começou no “mangue”. Não deu muito detalhes sobre como foi o início de sua empreitada, se a mesma ocorreu por influência da família, por exemplo. Mas, lembrou muitos momentos difíceis, sobretudo quando o deslocamento era feito em canoas. As longas viagens, o cansaço físico, a distância da família, enfim, tudo corrobora para asseverar a via como um domínio histórico que veio a facilitar sua vida, embora perceba que o aterramento de alguma maneira tenha destruído parte do ecossistema, principalmente aquela onde o aterro foi colocado.

Analisando as narrativas dos trabalhadores se observou que o reconhecimento da estrada como não deletéria às suas atividades estão ligadas às dificuldades que enfrentavam para retirar o caranguejo, pois além das intempéries do manguezal como raízes, áreas lamosas, fome e sede, por exemplo, tinha que lidar com as longas jornadas e distância da família. Contudo, com o funcionamento da PA 458, apareceram os ônibus, transporte que passou a servir de

⁵ Entrevista com o senhor Reinaldo Cunha, Bacuriteua, em 20 de junho de 2011.

⁶ Entrevista com Reinaldo Cunha, Bacuriteua, 21 de junho de 2010

deslocamento rotineiro, forjando assim a “contração do tempo” de deslocamento ao manguezal. A partir do novo contexto os coletores passaram realizar a captura e voltar no mesmo dia às suas residências trazendo alimentação à prole que o aguardavam.

As palavras de Reinaldo Cunha refletem a posição de muitos sobre de que maneira percebem a rodovia Bragança-Ajuruteua. Esses pontos de vistas só podem ser elucidados se se tentar perceber o significado do ecossistema costeiro aos moradores de Bacuriteua, firmando posição que o mesmo não poder ser interpretado somente como um espaço natural, ao contrário, deve ser considerado, sobre muitos aspectos, um lugar notadamente importante aos habitantes dessa vila. Deste modo, a construção da rodovia tendeu a facilitar o transporte, tal qual a diminuição de tempo de serviço, haja vista que as coletas antes eram mais intensas o que requeria maiores pujanças. Apesar das dificuldades serem muitas, os contadores de histórias rememoram com maior veemência a questão do deslocamento, alegando que o percurso em canoas pelas margens do rio Caeté era muito demorado e cansativo.

Não se pode interpretar as visões dos trabalhadores como algo equivocado se comparado às interpretações científicas, uma vez que eles estão lendo o projeto a partir de seus prismas, isso não quer dizer que sejam ignorantes, no sentido de não saberem dos maléficos que passaram a ocorrer posteriormente a implantação da via, tanto que muitos reconhecem a morte de partes da fauna e flora. Mas, por dependerem demasiadamente dos recursos do manguezal as leem de outra forma, pensado exclusivamente em suas particularidades posto que não podem compreender o ecossistema como algo disperso de suas vidas, em outros termos, esse ambiente tem grande relevância social, consistindo-se como indissociável de suas lógicas de viver. É por esse sentido que a estrada não é caracterizada como um feito “socialmente prejudicial”.

É devido ao seu sentido econômico que o manguezal não pode ser apreendido apenas como espaço inerte; ele, muito pelo contrário, tem que ser lido como indissociável da vida de uma série de sujeitos que diariamente nele embrenham-se a fim de retirarem o sustento. Campos (2010) assim o definiu

O manguezal nunca poder ser apreendido como espaço estritamente da natureza. Ele é para além disso. É uma grande via que consegue criar corredores de sociabilidades e de união entre as personagens em questão. É um solo fértil, de onde inúmeras pessoas coletam a sobrevivência, ou seja, exploram comercialmente o caranguejo e desempenham um papel essencial na economia do lugarejo e na sede do município, Bragança. Em conformidade com isso, este espaço da natureza é um território, uma zona de contato entre o humano e o meio-ambiente (CAMPOS, 2010, p. 05).

Com efeito, por haver uma grande quantidade de pessoas labutando em diversos pontos do manguezal é que as interações culturais são constantes, pois são múltiplos os sujeitos que

penetram rotineiramente em seu interior. Nesta perspectiva, este pode ser elucubrado como um lugar de contínua interação sociocultural, os sujeitos que nele penetram sabem exatamente o que querem, esforçam-se demasiadamente para superar os percalços presentes em seus interstícios e também para conseguirem seus objetivos individuais. Neste sentido todos aqueles que, por motivos diversos, resolvem entrar em tal espaço sabem das dificuldades que irão encontrar e por isso, primeiramente, tentam adaptar-se aos muitos percalços vigentes.

O manguezal não é um espaço de fácil circulação, por localizar-se em regiões entre marés, constantemente é banhado pelas águas provenientes do rio Caeté, seu solo é quase totalmente composto por áreas de sedimentação lamosas o que dificulta sobejamente a caminhada. As investigações de Oliveira (2013) descrevem o solo do manguezal em “areal” e “tijuco”. As áreas de areias estão presentes nas cabeceiras, igarapés e em áreas próximas da praia de Ajuruteua. Já no tijuco é predominante a sedimentação lamosa, sendo dividido em “tijuco mole” e “tijuco duro”. Segundo este autor os coletores atuam em ambas as partes, sendo que procuram com mais veemência as areias, todavia, quando essa fica “escassa” pela alta exploração, dirigem-se às áreas lamosas, principalmente em busca de caranguejos “graúdos”, mais procurados pelos consumidores.

Grosso modo é possível afirmar que, mesmos com todas as contracorrentes naturais, os homens tenazmente conseguem superar os interstícios e penetram no meio geográfico em pauta, desse modo, os sujeitos sociais que optaram em usá-lo como espaço de aquisição de capitais devem, em primeiro lugar, adaptarem-se às dificuldades inerentes porque o trabalho exige pesados esforços físicos, e por essas razões é que os trabalhadores não hesitam em caracterizá-lo como árduo, além de muito perigoso, pois há inúmeras raízes e tocos expostos nos percursos, onde qualquer passo desajeitado pode lesá-los seriamente. Nas entrevistas em muitos momentos são relatados casos de pessoas que se perderam ou padeceram no ato da labuta, mostrando que o lugar engendra certos temores. No entanto, apesar dos intercurtos contrários, muitos dos homens que se aventuram neste tipo de atividade, aos poucos, por meio de penosos esforços se adaptam às complexidades vigentes e conseguem explorar o meio ambiente.

É importante frisar que os coletores de caranguejo não ficaram à revelia do discurso de progresso e crescimento expostos como justificativa à implantação da estrada, uma vez que eles rememoram esse acontecimento como fator positivo e que veio melhorar suas vidas. A via transformou em muito o ambiente, intensificou as trocas comerciais na localidade e aumentou em demasia a exploração do manguezal, esta última em razão das facilidades de acesso.

Segundo Alves (2014) o turismo pretendido pelas elites políticas que idealizaram a estrada em destaque alcançou objetivos verossimilhantes ao que almejavam, posto que um grande número de pessoas passaram a investir neste tipo de negócio, pois em Ajuruteua e em Bragança aumentou o número de hotéis, restaurantes, bares e comércios atacadistas que em julho ou outros feriados recebem grande número de visitantes que aquecem a economia local, fornecendo ganhos aos investidores. Entretanto, devido ao crescimento habitacional a praia passou a ser urbanizada de forma desordenada e sem planejamento, propiciando a continuidade da morte de áreas de mangue em suas proximidades. Não obstante, apesar dos problemas ecológicos e habitações desorganizadas (COSTA, 2012), Ajuruteua, a partir da década de 1980, passou ser o principal polo turístico de Bragança, corroborando para os investimentos em negócios voltados à recepção de turistas, empreendimentos que passaram beneficiar a economia da cidade, que deixou de ser um lugar de produção exclusivamente agrícola, como o era até a década de 1970.

Considerações finais

É possível considerar que a estrada Bragança-Ajuruteua, construída para conduzir o desenvolvimento e progresso socioeconômico interferiu nas rotinas dos coletores de caranguejo que vivem em Bacuriteua, já que eles, a partir do novo contexto, passaram a se deslocar cotidianamente ao ecossistema por este itinerário. As facilidades que a via teria trago contribuem para considerarem-na como domínio positivo, visto que teria facilitado o acesso e a exploração do manguezal. Vê a estrada desta maneira é discurso em comum entre os coletores, apesar de reconhecerem alguns malefícios. As análises acerca da percepção dos trabalhadores é importante para compreender de que forma a obra interveio em suas relações com o meio natural.

Referências

- ALVES, Alexandre de Brito. *Estrada Bragança-Ajuruteua e sobrevivência no manguezal (1975 – 1991)*. Bragança, 2014. 97 f. In: Monografia de Graduação em História apresentada à Faculdade de História: Universidade Federal do Pará-UFPA, pp. 10 – 97.
- CARVALHO, Elena Almeida de. *Impactos Ambientais na Zona Costeira: o caso da estrada Bragança-Ajuruteua, estado do Pará*. Bragança, 2000. f. 82. Dissertação Apresentada no Programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental, Universidade Federal do Pará-UFPA, pp.16 -23.
- CAMPOS, Ipojucan Dias. “História e Natureza: memórias, sobrevivências, famílias e relações de poder no manguezal (Bragança – PA, 1980 a 1990)”. Artigo aprovado na *Revista Margens*, Campus de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará (UFPA), 2010.

- CLARCK, Mary Marshall. In: Esquecendo Louise Rouget: o problema do individualismo, da coletividade e das lembranças não-compartilhadas na História Oral e na cultura dos Estados Unidos. In: Revista *Ética e História* do Programa de Estudos Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, nº 5, 1997, pp. 85 – 97.
- COSTA, Pedro Paulo dos Reis. *Os Impactos Ambientais Sobre a Planície Costeira Bragantina: da construção da PA-458 à ocupação desordenada de Ajurutena*. In: III Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental Goiânia/GO – 19 a 22/11/12.
- FERNANDES, B. Marcos; FERNANDES, Jairo S; CUNHA, Janice Muriel; SEDOVIM, Waldelice R.; GOMES, Ivanete, SANTANA, Daniele, SAMPAIO, Dionísio; ANDRADE, Fernanda; OLIVEIRA, Francisco, BRABO, Lucinéia; JUNIOR, Milton Silva; ELIAS, Marcos. Efeitos da construção da rodovia PA 458 sobre os bosques de mangue da Península da Região Bragantina Bragança, Pará, Brasil. *Revista Uakari*, vol. 03, 2010.
- HALBHACHS, Maurice. Memória coletiva e memória Histórica. In: *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2004, pp. 57 – 89.
- OLIVEIRA, Marcelo do Vale. *Trabalho e Territorialidade no Extrativismo de Caranguejos em Pontinha de Bacuritena, Bragança-Pará*. Bragança, 2010.131 f. In: Dissertação de Mestrado Apresentada no Programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental-UFPA, pp. 01 – 131.
- GONÇALVEZ, Júlio César. Homem-natureza: uma relação conflitante ao longo da história. *Rev. Saber Acadêmico*. Nº 06, dezembro de 2008.
- MANESCHY, Maria Cristina. Sócio-Economia: trabalhadores e trabalhadoras nos manguezais. In: FERNANDES, M. E.B. (Org.). *Os Manguezais da Costa Brasileira*. Maranhão: Fundação Rio Bacanga, 2005, pp. 135 – 164.
- PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, pp. 59-72.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: PROJETO HISTÓRIA Nº 14: *Cultura e Representação*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, EDUC, 2001.
- PORTELLI, Alessandro. TENTADO APRENDER UM POUQUINHO. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: Revista *Ética e História* do Programa de Estudos Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, nº 5, 1997.
- RADCLIFFE-BROWN. O método comparativo em Antropologia Social. Radcliffe-Brown – Antropologia, *Coleção Grandes cientistas sociais*, 2ª edição. São Paulo: Ática, 1995, p. 43 – 58.
- SANTOS, Clemilda Nery dos. “Uma Questão de Sobrevivência na Comunidade de Acarajó, Bragança-Pará”. Bragança, 1996. 85 f. Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental. Bragança-PA-UFPA.
- SANTOS, Maria de Nazaré Silva. *Considerações preliminares acerca dos impactos ambientais decorrentes das multiterritorialidades da praia de Ajurutena – PA*. In: III Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental Goiânia/GO – 19 a 22/11/12, p. 03.
- SEVALHO, Gil. Tempos históricos, tempos físicos, tempos epidemiológicos: prováveis contribuições de Fernand Braudel e Ilya Prigogine ao pensamento epidemiológico. *Revista Cad. Saúde*. Rio de Janeiro, 07 – 36, jan – mar, 2007.
- SILVA, Francisco Teixeira da. História das paisagens. In: *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

THOMSON. Alistair. RECOMPONDO A MEMÓRIA: questões sobre história oral e as memórias. In: PROJETO HISTÓRIA N° 15: *Ética e História Oral*. Revista do Programa de Estudos Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, 1997, pp. 51 - 71.

ABSTRACT: This article will examine how collectors of crab residing in the village of Bacuriteua-PA perceive the appearance of the road-Ajuruteua Bragança, who was built by the inside of the place in which they worked (mangrove). This domain is important for this study because such professionals began using the path as the main way to get to their workplaces, and rightfully so is that if want to understand how they read the emergence PA 458. Use as theoretical frameworks authors like Maneschy (2003), Thomson (1997), Portelli (1997) and Campos (2010), what discuss the interaction (memory, past and nature). The theses of these scholars are important references for understanding of significance mangrove for the residents of Bacuriteua.

KEYWORDS: Road, mangrove and collectors.